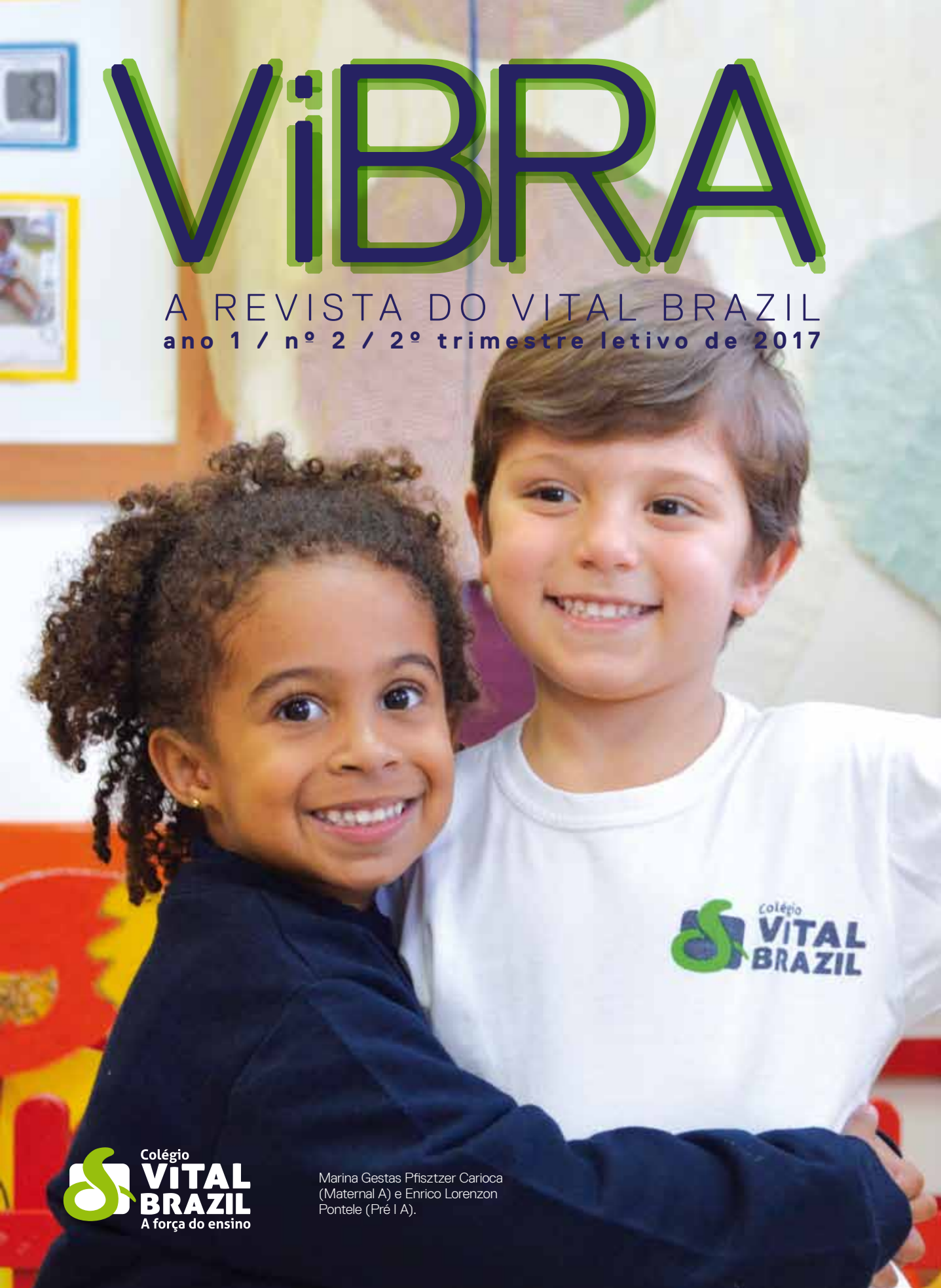


VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL
ano 1 / nº 2 / 2º trimestre letivo de 2017



Paixão pelo conhecimento

Cristina Godoi, mantenedora do Vital Brazil, fala sobre nova campanha de comunicação do Colégio.

Nas próximas semanas, o Vital lança a campanha #Paixão pelo Conhecimento. Como ela se relaciona com o lema A Força do Ensino?

Ela complementa o nosso posicionamento com um elemento de afetividade. Nossa proposta sempre foi e será um ensino forte, a excelência acadêmica. Essa paixão pelo conhecimento já estava expressa em nossos valores desde 2012. Paixão pelo conhecimento em todos os sentidos: não é só que os alunos aprendam a valorizar o saber, mas também que a própria comunidade escolar tenha esse sentimento no dia a dia. Essa campanha é o reconhecimento, depois de seis anos, de que fizemos jus àquela visão. Porque uma escola é isto: a gente pensa a estratégia, dá um direcionamento, mas muito dela é definido pelas pessoas. E hoje vemos que o grupo de professores, gestores, colaboradores, alunos e famílias, todos trazem muito marcada essa paixão.



As expectativas foram cumpridas?

Eu diria que foram superadas. Nós imaginávamos atingir a competência acadêmica a médio prazo, não a curto prazo, como foi, já com a primeira turma de concluintes. [Em 2014, no primeiro ano em que participou do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o Vital ficou entre as 10 melhores da cidade de São Paulo.] E não foi só um esforço de largada, foi algo que se manteve nos

anos seguintes. Então, temos uma competência acadêmica relativamente consolidada.

Que outros índices confirmam essa consolidação?

O Enem é uma sinalização, os resultados de vestibular são outras. A maneira como os alunos estão se colocando academicamente, participando de Olimpíadas Acadêmicas, da Febrace (Feira Brasileira de Ciências e Engenharia), do Harvard Model Congress Latin America; os exames de Cambridge; tudo isso mostra que estamos no bom caminho. Mas esses resultados falam mais da proposta do ensino forte. Poderíamos olhar para eles e pensar: 'Missão cumprida'. O que a nova campanha enfatiza é que não se trata apenas de resultados. Trata-se de cultivar uma comunidade que entende realmente a importância – e o prazer – da aquisição de conhecimento para a vida.

A campanha equilibra o prazer e o esforço de estudar no Vital?

Conhecimento envolve esforço, tempo dedicado, é processo. Nós não escondemos esse lado, e quem estuda no Vital sabe como esse processo é coerente e consistente. Se você está envolvido, se é o seu propósito, a coisa caminha. Tem apoio de todos os lados, o que torna a trajetória mais suave, sem trancos e barrancos. Não é que não somos exigentes. Somos muito exigentes. Mas é um nível de exigência ao qual os alunos já se mostraram dispostos a corresponder.

EXPEDIENTE ViBRA é um órgão de comunicação do Colégio Vital Brazil. Colégio Vital Brazil: Av. Nossa Senhora da Assunção, 438, Vila Butantã, São Paulo/SP – (11) 3712.2218 – www.vitalbrasilsp.com.br **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção Pedagógica:** Suely Nercessian Corradini **Direção Administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** André Rebelo, Elaine Aaltonen, Káthia Kobal, Roberto Leal, Suely Nercessian Corradini **Projeto e Coordenação Editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista Responsável:** Alexandre Bandeira (Mtb 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Fotografias:** Fernanda Ambrus **Ilustradora convidada:** Kelen Linck (págs. 4 e 5) **Revisão:** Adriana Duarte **Produção Gráfica:** Adriana Vaccari **Impressão:** Coppola Gráfica – 2.500 exemplares **Distribuição gratuita. 2º trimestre letivo de 2017.**

Como produzir um bom texto?

Por
Tiago Moreira Gomes,
assessor de
Língua Portuguesa
e professor de
Redação.

1 Lembre-se: escrever bem não é apenas escrever “certo”. O domínio das normas gramaticais – grafia, acentuação, pontuação, concordância, regência, colocação pronominal, etc. – é apenas uma das três dimensões do texto. Necessária, mas insuficiente sem as outras duas (dicas 2 e 3).

2 Pratique diferentes gêneros textuais. Contos, notícias, e-mails; cada gênero textual tem códigos próprios. Toda dissertação leva a uma conclusão, toda carta tem um destinatário a quem se dirige – na segunda pessoa. Ignorar estrutura e regras de gênero pode literalmente invalidar redações de vestibular.

3 Saiba do que está falando. Normas da língua e estrutura do texto não bastam sem a substância, o domínio do tema. Argumentar não é opinar com base em crenças ou ideologia, mas demonstrar conhecimento e apresentar fatos que validem reflexões ponderadas.

4 Leia, leia, leia. Só há uma forma de dominar as três dimensões do texto citadas: ler muito. Ler de tudo, para conhecer a língua e para se manter informado. Mas atenção: leitura crítica e discernimento ao escolher as fontes de informação.

5 Respeite seu ritmo e preferências pessoais. Obras juvenis, textos curtos e simples também propiciam vivência de leitura e vocabulário. Antes de penetrar o *Grande Sertão* de Guimarães Rosa, por que não conhecer suas *Primeiras Estórias*? O prazer de ler os clássicos nem sempre é instantâneo.

6 Pense no leitor. É para ele que você está escrevendo, portanto a pergunta mais importante a se fazer é se ele entenderá o que você quer dizer. Seu texto é claro e objetivo? Ótimo. É prolixo? Pro lixo. E evite deixar suas ideias implícitas; exponha-as.

7 Escreva, revise, reescreva. O texto nunca sai pronto. Coloque a caneta no papel e faça o rascunho – veja o texto se materializar, frase a frase, formando parágrafos. Avalie o todo. Revise-o com o leitor em mente. E então melhore.

Todos por um

Figura preponderante nos primeiros anos de escola, a professora regente é a parte mais visível de um trabalho coletivo.

É preciso uma aldeia para educar uma criança, diz o provérbio. Para alunos da Educação Infantil e do Fundamental I, porém – mesmo para muitos pais –, às vezes é difícil enxergar a aldeia por trás da figura preponderante nos primeiros anos de vida escolar: a professora regente. Mas a aldeia está lá.

Ao conduzir uma aula, realizar uma atividade em classe, aplicar uma prova ou corrigir uma produção de texto, a professora regente não atua sozinha. Ela está, na verdade, na ponta de um trabalho coletivo, que garante a coesão dos conteúdos ensinados entre turmas distintas, a continuidade do processo de aprendizagem ao longo dos anos e o alinhamento de todos a uma mesma filosofia educacional. É assim no Vital Brazil, onde a professora regente é a parte mais visível de um grupo de profissionais de dentro e de fora do Colégio, engaja-

dos no planejamento, no acompanhamento e na revisão constante do trabalho pedagógico.

Um exemplo deixa claro como esse grupo se estrutura. Em um dia típico de aula, os alunos do 3º ano D recebem da professora Fernanda Fernandes, regente da turma, uma série de problemas de multiplicação. Em linhas gerais, Fernanda está seguindo a mesma sequência didática e exercícios adotados nas outras turmas de 3º ano, elaborados, neste caso, pela professora Flávia Cury, do 3º ano B, responsável pelos planos de aula de Matemática daquela série.

Flávia, por sua vez, não decidiu tudo sozinha. Primeiro, ela consultou as demais professoras do 3º ano para validarem ou sugerirem alterações nos planos. Depois, feitos os ajustes do grupo, Flávia ainda precisou encaminhá-los para a avaliação de

Mariana Mathias, professora regente de uma turma do 4º ano e assessora de Matemática para as turmas de 2º a 5º ano do Fundamental. Como assessora especializada – ela está finalizando um mestrado em Educação Matemática –, Mariana não apenas avalia os planejamentos mensais de cada série como ajuda a verificar os resultados alcançados no dia a dia, analisando cadernos de alunos, assistindo a algumas aulas, identificando problemas e oportunidades no processo de aprendizagem.

Mas Mariana também não age só. Além de se reunir periodicamente com as coordenações e a direção para partilhar impressões sobre o andamento do projeto, Mariana conta com a ajuda de uma profissional do Grupo Mathema, instituição voltada para pesquisa e desenvolvimento de técnicas de ensino matemático. Há cinco anos o Vital recebe assessoria pedagógica do Mathema, que promove encontros de formação e oficinas práticas com todas as professoras regentes do Colégio – incluídas aí Mariana, Flávia e Fernanda, que, ao passar os exercícios para a sua turma do 3º ano D em um dia típico de aula, está respaldada por todo esse grande trabalho coletivo.

Alinhamento e coesão

São três as assessorias externas que dão suporte à atuação das professoras regentes. Além do Mathema, para Matemática, as equipes da Educação Infantil e do Fundamental I também recebem formação continuada da mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) Maria José Nóbrega e, neste ano, o Fundamental I contou com a assessoria da empresa Experimenta, voltada para o ensino de Ciências.

Atuando como assessores internos, além de Mariana Mathias (Matemática), estão os professores Kalina Elis Pereira, pedagoga especializada em Língua Portuguesa (Língua Portuguesa); Fernando Ribeiro, licenciado em História e Geografia, especializado em Ensino de Geografia e mestre em Educação (História e Geografia); e Priscilla Issuani, bióloga (Ciências).

Segundo Priscilla, a contribuição dos assessores é importante por garantir uma maior coesão entre o trabalho das professoras regentes, responsáveis por quase todos os conteúdos curriculares de suas turmas, e os professores especialistas do 6º ano em diante. “Há um maior entendimento sobre como se dão as sequências pedagógicas ao longo do Ensino Fundamental; as assessorias promovem na equipe esse olhar especializado, oferecendo referencial teórico e estratégias de ensino”, diz a bióloga.

Fernando Ribeiro faz uma ressalva: “A ideia não é engessar o trabalho do professor, mas dar suporte teórico, os conceitos fundantes de cada disciplina”. Ele dá um exemplo: “Poderíamos pensar que, a princípio, bastaria o professor seguir o livro didático e pronto. Mas o livro é um meio, não um fim. Cada escola precisa adaptá-lo a seu público. Um livro de Geografia aborda a relação do aluno com seu espaço – sua casa, sua rua, seu bairro –, mas as vivências de um aluno do interior de Goiás e de um aluno do Vital são bem diferentes. O professor tem de dar conta disso com outros recursos e estratégias, e o assessor o ajuda”.

Além do mais, as assessorias garantem o alinhamento do projeto pedagógico – das expectativas de aprendizagem ao longo das séries aos critérios de avaliação adotados. “No fim do ano, reunimos as assessorias externas, todo o corpo docente e a Coordenação para revisar e avaliar os objetivos traçados e os ajustes necessários para o prosseguimento do trabalho”, diz a coordenadora pedagógica Káthia Kobal.

1 A atuação da professora regente (Educação Infantil e Fundamental I) em sala de aula é fruto de um trabalho coletivo de toda a equipe pedagógica.

2 Assessorias especializadas auxiliam o trabalho da professora regente com referencial teórico e estratégias de ensino.

3 As assessorias garantem o alinhamento do projeto pedagógico – das expectativas de aprendizagem aos critérios de avaliação adotados.

O olhar dos pais

Por que a participação dos pais na vida escolar dos filhos é essencial até para que eles se tornem autônomos.

A qualquer hora do dia, uma mãe ou um pai de aluno do Vital Brazil podem verificar, em questão de segundos, se algo fora do normal ocorreu na rotina escolar do filho. Se o aluno esqueceu o livro; se entrou atrasado em alguma aula; se foi chamado à Coordenação; se precisou ir ao ambulatório; tudo está registrado em um sistema *on-line* a que só os pais têm acesso mediante senha exclusiva da família.

Também estão ali, diariamente, as lições de casa pedidas, os prazos de entrega, as provas agendadas e os capítulos de livros para estudo. O propósito do sistema, batizado de Vitalnet e acessível via *site* do Colégio, não é que os pais comandem a rotina do filho – até porque, a partir de certa idade, que coincide com o início do Fundamental II, é saudável que o aluno comece a assumir mais responsabilidades sobre seus deveres de estudante. No entanto, segundo o coordenador pedagógico do Fundamental II do Vital, há uma justa medida, nesse movimento de independência dos filhos em relação aos pais, que nem sempre é clara, nem é universal para todas as famílias, variando de caso a caso. “Não se deve confundir autonomia do aluno com falta de participação dos pais”, diz Roberto Leal. “Estar a par do que acontece com o filho na escola e intervir quando necessário faz muita diferença para o desenvolvimento acadêmico, social e emocional dele”.

“Sempre incentivo os pais a acompanhar a vida escolar do filho, ver seus cadernos, checar se ele respeita os horários de estudos”, diz Maria Cristina Campos, co-

ordenadora assistente do Fundamental II. “Se os pais demonstram interesse, o filho sente e busca corresponder à expectativa. O acompanhamento revela o valor que a família dá ao conhecimento”. Nesse sentido, explica Maria Cristina, a atitude não pode ser a de “largar a mão porque agora é hora do aluno se virar”: “Ele só vai ser autônomo se sentir o olhar dos pais lhe passando segurança”.

Mas não é apenas pela internet e em casa que as famílias contribuem para a educação dos filhos. Encontros presenciais entre coordenadores, professores e pais também são importantes, diz Roberto Leal, citando os espaços de interação e diálogo que o Vital disponibiliza para as famílias. Como lembra o coordenador, além da reunião de início de ano com todos os pais, para apresentação da proposta e alinhamento de expectativas, há a reunião trimestral, que cada família pode agendar por conta própria com os professores do seu interesse, pelo *site* do Colégio. “É uma forma muito ágil de prover um atendimento individualizado; os pais entram no *site*, veem os horários disponíveis e marcam. O professor estará lá na sala, esperando por eles”. O mais importante, porém, ressalta Roberto, é que “estaremos sempre abertos; não tenham cerimônias de ligar, mandar *e-mail* ou marcar novas reuniões conosco”.

Os maiores parceiros

A advogada Neila Bussaf é, sem dúvida, uma mãe participativa. Seu filho mais novo, José Henrique Bussaf

Malta, aluno do 7º ano do Fundamental, estuda à tarde no Vital. À noite ou pela manhã, ela costuma ajudá-lo com as lições e os estudos. Se é dia de Inglês ou Espanhol, ela prepara um vocabulário para ele exercitar palavras novas. Se há leitura de capítulos de livros, ela pode ler junto, ajudando-o a montar um resumo. Até da leitura dos paradidáticos Neila participa: “O que ele lê, eu leio também”, diz. Neila garante, porém, que não faz tudo por José Henrique. “Ele tem de anotar na agenda. Ele tem de arrumar os materiais da escola. Eu até pergunto: anotou? arrumou? Mas é mais como uma sineta para ele lembrar; se ainda não fez, ele vai fazer”.

Eventualmente, Neila sente que precisa intervir pelo filho junto ao Colégio sobre alguma questão. O que já fez, mais de uma vez – e em todas encontrou as portas abertas para o diálogo. “Posso até não ser atendida em todos os meus pleitos, mas sei que serei ouvida”, diz a advogada.

Maria Cristina Campos, por sua vez, ressalta a vantagem que uma escola tem de contar com mães como Neila. “Ela nunca deixa de nos fazer críticas construtivas quando algo a incomoda”, diz a coordenadora assistente. “E nós sempre buscamos entender a fundo o que está acontecendo. É positivo ter um olhar de fora do processo; às vezes, a família traz informações de casa que desconhecíamos e que explicam algum problema de rendimento ou de comportamento do aluno. E às vezes os pais reveem seus conceitos, entendem a posição da escola e nos ajudam a convencer o filho de que o que fazemos é pelo bem dele. Eles se tornam nossos maiores parceiros”.

É o caso de Neila. A mesma segurança com que fala dos questionamentos que já fez ao Colégio transparece quando fala de sua admiração pela estrutura e equipe: “O Vital funciona como uma empresa: é muito bem organizado, estruturado, moderno. Mas o lado humano existe! Todos conhecem José Henrique não só pelo nome, mas pelas suas características, seu comportamento. Aqui, meu filho não é só um número”.



RAIO-X DO ENSINO FUNDAMENTAL II



Acima, parte do corpo docente do Fundamental II; abaixo, a equipe de coordenação.

EQUIPE

- ♦ **ROBERTO LEAL, coord. pedagógico:** engenheiro com Formação Pedagógica, mestrado em Ciências e pós-graduação em Gestão Escolar.
- ♦ **MARIA CRISTINA CAMPOS, coord. assistente:** psicóloga especializada em Psicopedagogia e em Gestão Escolar.
- ♦ **SIMONE ROCHA, auxiliar de coordenação:** pedagoga.
- ♦ **18 professores especialistas:**
 - 39% têm pós-graduação *lato sensu*;
 - 44% têm mestrado.
- ♦ **2 estagiários:** 1 de Natação e 1 pedagoga, pós-graduanda em Psicopedagogia.
- ♦ **4 corretores externos de Redação.**

CURRÍCULO DIFERENCIADO (turno) E PROGRAMAS DE APOIO (contraturno)

- ♦ **Espanhol na grade regular.**
- ♦ **Programa Especial de Estudos (PEE):** para alunos com dificuldade em Matemática, Português ou Produção de Texto.
- ♦ **Oficina de Redação:** para alunos com boa produção exercitarem ainda mais sua aptidão.
- ♦ **Olimpíadas Acadêmicas:** programas preparatórios para Olimpíadas de Matemática, Física, Química.
- ♦ **Equipe de treino de Natação.**

INFRAESTRUTURA

- Todas as salas com recursos multimídia.
- *Wi-fi* exclusivo do ciclo e estação itinerante, com 40 *iPads* para projetos de inovação.
- Laboratório de Ciências/Química.
- Laboratório de Biologia/Física.
- Piscina semiolímpica (25 m) coberta e aquecida.
- Estúdio de Artes.
- Salas de Inglês exclusivas (a partir do 6º ano, programa de Inglês com Coordenação à parte, estruturado em estágios semestrais e com turmas organizadas por desempenho).



A advogada Neila Bussaf, mãe de aluno, e a coordenadora assistente, Maria Cristina Campos.

Juntos chegaremos lá

Os desafios do Ensino Médio e como os alunos do Vital conseguem vencê-los.

Carolina Feitoza sentiu a diferença já na primeira semana de avaliações.

Até o ano passado, ela admite, sua rotina de estudos não era das mais rigorosas. Às vezes, dava até para dormir à tarde, quando não havia treino de tênis ou aulas de *jazz* e *hip-hop*. Até que, neste ano, ela começou a 1ª série do Ensino Médio e percebeu que, para dar conta do novo ciclo, teria de apertar o passo. “Comecei a estudar todo dia para me adaptar”, diz Carol, que, pelo menos por ora, abandonou as atividades extraescolares.

Ela não foi a única a tropeçar no início do Ensino Médio, o que é perfeitamente natural. Em qualquer escola, mesmo as que não exigem período integral, como faz o Vital – três dias por semana na 1ª e 2ª séries do ciclo, cinco dias na 3ª –, a transição do Fundamental II para o Médio é, de fato, difícil. Nesse primeiro momento, uma ligeira queda na média geral dos alunos não é apenas normal, mas esperada. A boa notícia é que o Vital promove ações de apoio que os ajudam a enfrentar o desafio. E, a julgar pelo exemplo de Carol e da maioria de seus colegas, a queda logo é superada.

Matheus Siqueira, da 1ª série B, é outro bom exemplo. Aluno com histórico de ótimo rendimento, em especial nas ciências exatas, em 2016 ele foi medalhista em olimpíadas brasileiras de Física, Química e Astronomia e na competição Canguru de Matemática. Também ele notou o grau de dificuldade das avaliações do Médio: “As ques-

tões estão mais complicadas, você precisa interpretar os problemas”, diz, acrescentando que os professores são menos específicos ao informar o conteúdo das avaliações: “Não é mais ‘prova de equação de segundo grau’; agora, na primeira prova, caem do capítulo 1 ao 5 do livro, na segunda, do 1 ao 10, e assim por diante”.

“Há uma maior densidade de conceitos”, diz André Rebelo, coordenador do Ensino Médio. “O aluno tem de buscar, num vasto repertório, os conhecimentos que julgar adequados para resolver uma questão e saber associá-los”. Ele lembra que, com exceção dos simulados, todas as questões das provas do Médio passam a ser dissertativas.

A consequência, segundo Carol, se sente no relógio. “Até o 9º ano, eu fazia as provas num ritmo diferente, ia de questão em questão com calma”, diz a jovem. Agora, para fazer uma avaliação mais complexa na mesma hora e meia de sempre, ela tem de administrar melhor o tempo. E, claro, passar a estudar com mais rigor. “Não tem segredo”, diz André: “Nota não brota só de assistir às aulas”.

Não se trata de receita pronta, porém. Segundo o coordenador, o Ensino Médio é o momento em que o aluno torna-se definitivamente o protagonista de sua vida de estudante, capaz de identificar suas fraquezas e potencialidades, definir metas e traçar planos de ação. “Cada um vê o que lhe falta e o que funciona para si

mesmo”, diz André. O que não significa que o jovem fica por conta própria. Pelo contrário: ao encarar a etapa final da jornada escolar, o aluno do Vital conta com a ajuda acadêmica e emocional de coordenadores, professores, pais e, não menos importante, dos amigos.

Com uma ajuda dos amigos

“No 9º ano, muitos alunos têm medo de que o Médio seja mais difícil, quase impossível”, diz Roberto Leal, coordenador do Fundamental II. “Nossa tarefa é desfazer esse mito”. É quando entra em cena um trabalho conjunto das coordenações dos dois ciclos, focado em tranquilizar os alunos, assegurando-os de que, independentemente dos desafios, eles não estarão sozinhos nessa transição.

Uma das ações é a apresentação formal, aos alunos do 9º ano, daquele que será seu novo coordenador. “Nessa hora eu ‘entrego’ a turma ao André, que conduz o encontro”, diz Roberto. Além de tirar dúvidas, o coordenador do Médio reforça que tanto ele quanto sua adjunta, Solange Frasca, oferecerão todo o apoio necessário, da elaboração de uma rotina de estudos funcional para cada um à definição de projetos de vida pessoal e profissional. Quanto às dificuldades acadêmicas, André lembra que os alunos ainda contam com o Programa Especial de Estudos (para reforço em Matemática e Português); com o Plantão de Dúvidas, oferecido pelos estagiários dos laboratórios de Física e Química; e com seus próprios colegas que se voluntariam como tutores acadêmicos.

“É importante eles saberem, também, que estamos sempre avaliando nossos planos de aula e nosso material para não exigir mais do que eles podem dar”, diz André. “Se uma questão de prova é muito difícil para a maioria, por exemplo, nós identificamos de imediato e já preparamos um plano de reforço daquele conteúdo específico”.

Ainda mais eficaz do que a palavra dos coordenadores, contudo, é a de outros alunos. É o que se vê, no início do ano, na visita de alunos da 3ª série do Médio e ex-alunos às classes do 9º ano – “é muito importante o testemunho, na linguagem deles, de quem já passou por isso e viu que é possível”, diz Roberto Leal. E é o que se verá, nos próximos meses, num encontro informal das turmas do 9º e na formatura de fim de ano: “Nesses momentos de despedida, você percebe que os vínculos se fortalecem. O sentimento de ‘vimos até aqui, vamos seguir juntos agora’”.

Porque é de vínculos que também é feito o Ensino Médio, algo que os próprios Matheus e Carol já perceberam. Além dos desafios da nova fase, ambos notam recompensas, como a liberdade de não usar mais uniforme, a sensação de maior autonomia da família, a relação de maior proximidade com os professores e, principalmente, com os colegas. “Almoçamos juntos três vezes por semana fez com que nossas amizades ficassem mais fortes”, diz Matheus.

1 Para qualquer aluno, a transição do Fundamental II para o Médio é desafiadora. Em média, uma leve queda nas notas não é apenas normal, mas esperada.

2 Para uma transição mais tranquila, o Vital oferece ações de apoio acadêmico e emocional, como programas de reforço nos estudos e testemunhos de alunos mais velhos.

3 Além de superar as dificuldades, o aluno consegue aproveitar algumas recompensas do Ensino Médio: maior liberdade, proximidade com os professores e amizades mais fortes.

Carolina Feitoza (ao centro) e colegas: apertando o passo dos estudos para se adaptar ao novo ciclo.



Matheus Siqueira (à direita) e colegas: com maiores desafios, vêm também amizades mais fortes.



Alunos da 3ª série dividem com alunos do 9º ano como será o Ensino Médio.

Padrão internacional

1 Contação de história no Pré I: contato lúdico com uma nova língua.



2 Alunos do 2º ano vão à feira: introdução a vocabulário básico e início da expressão oral.



Aos 17 anos, Gabriela Molina domina o inglês como alguns dos melhores usuários nativos do idioma. Assim atesta a Universidade de Cambridge, que nos últimos dois anos conferiu à jovem o FCE (*Cambridge English: First*), título que certifica indivíduos autônomos em língua inglesa, e em seguida o CAE (*Cambridge English: Advanced*), de nível mais avançado. Como se não bastasse, em novembro deste ano, Gabriela fará o exame para obter o CPE (*Cambridge English: Proficiency*), diploma de mais alto grau de conhecimento linguístico emitido pela universidade britânica.

Prestes a concluir o Ensino Médio e decidida a cursar Relações Internacionais, ela tem motivos para buscar um título que poucos profissionais formados trazem em seus currículos. E, a julgar por seu histórico, tem também plena capacidade para tanto. Ao que tudo indica, será a primeira aluna do Vital Brazil a obter tal certificado.

Segundo Elaine Aaltonen, coordenadora do Departamento de Inglês, a trajetória de Gabriela é um belo exemplo dos resultados positivos que o Vital tem ajudado seus alunos a alcançar. Até hoje, diz a coordenadora, 112 alunos do Colégio já prestaram o exame FCE; e 9, o CAE. Todos, sem exceção, foram aprovados.

“Nosso compromisso é oferecer um ensino de excelência em cada etapa de aprendizagem, para que os alunos possam obter uma certificação internacional durante o período em que estudarem

3 Alunos do 5º ano já produzem e leem textos curtos (como notícias de jornal).

conosco, sem precisar frequentar outras instituições para aprender efetivamente a língua inglesa”, diz Elaine, ressaltando que menos de 10% de todos os alunos do Vital fazem curso de Inglês fora.

É para explicar como o Colégio tem conseguido honrar esse compromisso que Elaine apresenta a trilha traçada pelo programa de Inglês para que, da Educação Infantil ao Ensino Médio, um aluno seja capaz de, se assim o quiser, chegar ao nível mais alto de proficiência do idioma.

Primeiro contato

A carga horária é o primeiro diferencial. O Ministério da Educação exige o ensino de uma língua estrangeira a partir do 6º ano do Fundamental sem estabelecer carga horária mínima. No Vital, todos os alunos, do Pré I à 3ª série do Médio, têm quatro aulas semanais de 45 minutos. Todas elas – desde o início, ressalta Elaine – de natureza imersiva, ou seja, aulas que promovem um mergulho no idioma, com as professoras falando predominantemente em inglês. “O objetivo é expor os alunos a situações reais de uso da língua inglesa, à medida que estimulamos o desenvolvimento das habilidades comunicativas: compreensão auditiva, expressão oral, leitura e escrita”, diz a coordenadora. “É claro, respeitando as demandas específicas de cada faixa etária”.

Na Educação Infantil, isso significa esperar não que eles compreendam tudo o que a professora diz ou apresenta, e sim que comecem a se familiarizar com os sons da língua, à medida que aprendem

Como o Inglês do Vital garante que, ao fim do Ensino Médio, o aluno tenha domínio pleno da língua sem precisar de cursinho.

5 Delegação do Vital Brazil em participação premiada no *Harvard Model Congress Latin America* de 2016.

4 Aluna do CAE 1 (9º ano) mostra desenvoltura ao apresentar um PowerPoint.

dem a relacionar palavras com seus significados de maneira natural e agradável, por meio de músicas, vídeos, contação de histórias e brincadeiras.

O exercício da escuta aqui é crucial, para expor os alunos a um vocabulário básico, mesmo que eles ainda não o utilizem na fala – o chamado vocabulário passivo. Leitura e escrita, naturalmente, ainda não se manifestam, haja vista que eles ainda não são alfabetizados nem no português; no máximo, ocorre a chamada pseudoleitura, que existe também no aprendizado da língua materna, quando a criança interage com um livro recontando sua história com base na memória e nas ilustrações.

Outro marco na trilha de aprendizagem, diz Elaine, dá-se por volta do 2º ano do Fundamental. Em geral já alfabetizados, os alunos começam a escrever e ler suas primeiras palavras simples: cores (*blue, red, yellow*), números (*one, two, three*), membros da família (*mother, father, brother, sister*). Além disso, passam a ser avaliados formalmente por meio de provas. Em uma questão típica de um *listening test*, por exemplo, ilustrações de meios de transporte acompanham um áudio em inglês: *Look at this bike* (ou *train, bus, plane*); *now, color it blue* (ou *green, red, yellow*). Aqui, também, as primeiras estruturas gramaticais são introduzidas.

À medida que avançam nos estudos, aumenta o grau de complexidade dos conhecimentos a que os alunos são expostos. A partir do 4º ano do Fundamental, inicia-se o processo de sistema-

tização dos conteúdos linguísticos. “Se antes eles escreviam palavras e frases, agora já produzem textos simples, como bilhetes e *e-mails*. E a maioria já é capaz de ler livros com cerca de 300 palavras, ou notícias do jornal *Joca in English*, de forma autônoma – embora as professoras ainda façam leituras compartilhadas em sala de aula”, diz Elaine.

Aceleração da aprendizagem

Então, a partir do 6º ano, ocorrem grandes mudanças. Turmas de no máximo 15 alunos passam a se organizar por nível de conhecimento linguístico, não mais pela série. O programa de Inglês, agora estruturado em estágios semestrais, engata nova marcha. “Turmas mais homogêneas potencializam as condições de aprendizagem, e o aluno pode avançar mais em seu próprio ritmo”.

Os estágios seguem as expectativas de aprendizagem indicadas no Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas, que determina, inclusive, os níveis certificados por Cambridge. Segundo Elaine, muitos alunos têm chegado ao término do Fundamental II e início do Médio com condições de obter o FCE (*Cambridge English: First*), nível de um usuário já autônomo no inglês. “Ele já lê muito bem livros no idioma original, apresenta palestras, comunica-se com certo grau de espontaneidade com falantes nativos”. E então, ao longo dos últimos anos de escola, dependendo do interesse profissional e acadêmico de cada um, os alunos obtêm seus certificados.



Por sua participação no programa, o professor Pepa recebeu prêmios de trabalho em equipe e de desempenho individual.

Tudo é possível

Professor de Matemática do Vital vai à Nasa para inspirar seus alunos a paixão pelo conhecimento.

Durante uma semana de junho, Pedro Paulo Siqueira participou de duas missões espaciais, experimentou caminhar na Lua e esteve presente em um acidente de helicóptero, tudo para se tornar um melhor professor de Matemática. Pepa, como é conhecido, dá aulas aos 6^{os} e 8^{os} anos do Vital Brazil desde 2013. Há 25 anos lecionando, ele acaba de viver a experiência mais extraordinária de sua carreira, uma aventura que o fez sentir na pele até onde o homem pode chegar por meio do conhecimento. E que lhe renovou o desejo de suscitar nos alunos o seu fascínio pela Ciência.

A aventura foi parte do programa *Honeywell Educators at Space Academy*, voltado para o desenvolvimento de professores de Matemática e Ciências do mundo inteiro que ensinem a alunos de 10 a 14 anos de idade. Financiado pela empresa de tecnologia Honeywell, o programa funciona em um museu-escola da Nasa, a agência espacial norte-americana, no Alabama. Entre cerca de 1.200 inscritos, Pepa foi um dos 200 selecionados, oriundos de 33 países e 45 estados americanos.

Ao longo de 45 horas intensas, esses professores foram alunos novamente, aprendendo técnicas de condução de aula; sendo apresentados a recursos educacionais inovadores; trabalhando em equipe para solucionar desafios, como construir réplicas de foguetes; assistindo a palestras inspiradoras, entre elas a de um dos engenheiros do Projeto Apollo, que levou o homem à Lua em 1969; e vivenciando treinamentos oferecidos a astronautas de verdade.

Nos simuladores da Academia Espacial, Pepa descobriu como é estar na torre de comando e na tripulação de uma aeronave. Sentiu os efeitos da inércia em seu corpo, ao rodopiar numa instalação multicixo, e de uma caminhada sob a gravidade da Lua, seis vezes menor que a da Terra. Aprendeu exatamente o que fazer no caso de uma queda de um helicóptero no oceano. “É impressionante como tudo para eles é *by the book*”, diz o professor, ao lembrar do manual da torre de comando. “Todos os problemas estavam previstos. Se faltava oxigênio na nave, o procedimento era um; se faltava água, era outro”. Mais do que divertidas, as experiências eram demonstrações práticas e definitivas de que, com pesquisa, cálculos, planejamento e método – com Ciência, enfim –, tudo é possível.

É uma mensagem poderosa, em especial para a geração que Pedro Paulo ensina. “O programa é destinado para professores de crianças de 10 a 14 anos porque, em 2035, haverá uma missão internacional tripulada à Marte. Quem sabe entre nossos alunos não estarão os técnicos e astronautas dessa missão?”, diz Pepa, que agora cumpre a sua parte no programa, dividindo com as turmas do Vital um pouco do que viveu na Academia da Nasa.

Ele, que sempre se preocupou em motivar os alunos a aprender, apontando como a Matemática está presente no dia a dia e experimentando novos recursos (ele pretende criar um canal de videoaulas no Youtube, por exemplo), quer vê-los sonhar cada vez mais alto.